

O QUE ORIGINA A VARIAÇÃO DA ALTERNÂNCIA CAUSATIVA? UMA COMPARAÇÃO ENTRE O DÂW (FAMÍLIA NADAHUP) E O PORTUGUÊS BRASILEIRO

Janayna CARVALHO

Universidade de São Paulo (USP)¹

Jéssica C. COSTA

Universidade de São Paulo (USP)²

RESUMO

Aplicamos dois modelos sintáticos para a alternância causativa, quais sejam, a Sintaxe Lexical, de Hale & Keyser (2002) e a Morfologia Distribuída, representada por vários autores, ao estudo de duas línguas brasileiras, Dâw, uma língua indígena brasileira da família Nadahup, e o português brasileiro. Com base nas ferramentas analíticas oferecidas por esses modelos, argumentamos que a variação da alternância causativa nas línguas se dá por dois motivos: (a) a disponibilidade de um tipo de raiz em uma dada língua; (b) variação de núcleos funcionais. Teoricamente, almejamos comprovar que abordagens sintáticas são mais vantajosas por lidarem com primitivos da construção da palavra e da sentença e, assim, capturarem pontos contrastantes em duas ou mais línguas que são o locus de comportamentos contrastantes com relação a um fenômeno.

¹ Doutoranda em Linguística Geral no Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo – DL-USP. Bolsista CNPq (Processos: 229746/2013-6 e 142048/2012-7). E-mail: janaynacarvalho@usp.br / janaynacarvalho@gmail.com

² Doutoranda em Linguística Geral no Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo – DL-USP.

A autora desenvolveu a pesquisa sobre a língua Dâw durante o curso de mestrado, período em foi bolsista FAPESP (Processo: 2011/16168-2). E-mail: jessica.cc@usp.br

ABSTRACT

We use two syntactic models for causative alternation, namely Lexical Syntax, proposed by Hale & Keyser (2002) and Distributed Morphology, proposed and developed by several authors, and we apply each of them to two Brazilian languages, namely Dâw, an indigenous language from the Nadahup family, and Brazilian Portuguese. These models offer tools for us to argue that the variation in causative alternation is due to the following factors: (a) the availability of a specific kind of root in a given language; (b) variability of functional projections. From a theoretical point of view, we pursue to comprove that syntactical approaches are empirical better, given the fact that the attention addressed to primitive blocks for words and sentences in these models makes it possible to capture different ways of building syntactic structure. This is crucial for our analysis since we defend that the primitives for words and sentences are the locus to the contrasting behaviors for the same phenomena in the languages under comparison.

PALAVRAS-CHAVE

Alternância Causativa. Língua Dâw. Português Brasileiro.

KEYWORDS

Brazilian Portuguese. Causative Alternation. Dâw language.

Introdução

Neste trabalho, examinamos a alternância causativa à luz de dois modelos construcionistas³, a saber, a Sintaxe Lexical e a Morfologia Distribuída. O primeiro modelo é aplicado com mais minúcias ao exame da língua Dâw e o segundo ao português brasileiro (doravante PB)⁴.

³ Abordagens em que a estrutura argumental é construída com expedientes sintáticos, assim condições de localidade e licenciamento também se aplicam à formação de verbos, o que muitas vezes explica a gramaticalidade ou não de um verbo em uma dada construção. Essa ideia se apresenta de forma especialmente clara em Hale & Keyser (1993). Remetemos o leitor a este trabalho para detalhamento.

⁴ Cada uma dessas aplicações resulta do trabalho individual das autoras e este trabalho é uma síntese conjunta do poder explanatório de abordagens sintáticas.

A alternância causativa pode ser definida como a possibilidade de um verbo figurar em duas sentenças diferentes, uma transitiva e outra intransitiva, as quais têm em comum a mudança de estado do argumento interno. Observe os exemplos da alternância causativa com o verbo quebrar no português brasileiro no inglês e na língua Dâw (família Nadahup):

- (1) a. João quebrou o prato. (*sentença causativa*)⁵
 b. O prato quebrou. (*sentença inacusativa*)

- (2) a. John broke the vase. (*sentença causativa*)
 b. The vase broke. (*sentença inacusativa*).

- (3) a. Mateus pêt bee (*sentença causativa*)
 Mateus quebrar pau
 ‘Mateus quebrou o pau’
 (AUTOR-B, 2014b:15)

- b. Bee pêt (*sentença inacusativa*)
 pau quebrar
 ‘O pau quebrou’
 (AUTOR-B, 2014b:15)

Esses exemplos evidenciam alguma uniformidade do fenômeno em tela em línguas pertencentes a famílias linguísticas distintas. Isso sugere que a alternância causativa tem uma relativa independência das características de cada língua. O estudo de HASPELMATH (1993) sobre esse tipo de alternância corrobora essa hipótese. Nele, o autor observa

⁵ Uma possível objeção para a nomenclatura usada pode ser a de que ‘sentença inacusativa’ reflete uma caracterização sintática do fenômeno, visto que os verbos intransitivos são classificados como inacusativos ou inergativos em virtude de seu comportamento sintático, e sentença causativa reflete uma classificação semântica. Essa seria uma objeção pertinente, mas, ainda assim, escolhemos manter essa nomenclatura porque é a mais neutra tanto para o leitor leigo quanto para o leitor já familiarizado com o estudo de alternâncias verbais.

a alternância de 31 verbos em 21 línguas e estabelece uma classificação para elas. Abaixo, encontra-se a tabela com os dados de alternância do verbo *quebrar* nessas 21 línguas, codificada com as siglas (A), (S), (L), (E), (C) que indicam, na terminologia do autor, a direção da alternância. Por exemplo, quando a inacusativa é marcada morfologicamente, ela é derivada da causativa, nesse caso, a alternância seria anticausativa (A). Quando a causativa é marcada morfologicamente, ela é tida como derivada da sentença inacusativa. Nesse caso, a alternância é causativa (C). As alternâncias lábil (L), supletiva (S) e equipolente (E) seriam não-direcionadas, uma vez que não há marcas morfológicas na alternância lábil (veja, por exemplo, o dado do inglês) e as raízes verbais são diferentes na alternância supletiva (há vários exemplos para morrer/matar abaixo). Por fim, na alternância equipolente, os dois membros da alternância têm morfologia característica (georgiano, entre outras línguas no quadro abaixo). Seguindo essa perspectiva icônica para a alternância - isto é, o par da alternância que tem mais morfologia é derivado de um mais básico -, essas alternâncias não-direcionadas se caracterizariam pela independência de formação dos dois membros da alternância.

TABELA 1: Dados de alternância do verbo *quebrar* em 21 línguas segundo Haspelmath (1993)

Língua	Formas do verbo <i>quebrar</i> nas línguas	Forma do(s) verbos <i>morrer/matar</i>
Árabe	in-kasara/kasara (A)	maata/qatala (S)
Armênio	Žard-v-el/Žard-el(A)	spa-n-el/mer-n-el (S)
Inglês	break/break (L)	die/kill (S)
Finlandês	murt-ua/murtaa (A)	kuolla/tappaa (S)
Francês	se briser/briser (A)	mourir/tuer (S)
Georgiano	i-mt'vrev/a-mt'vrevs (E)	mo-k'vdeba/mo-k'lavs (S)
Alemão	zerbrechen (L)	sterben/töten (S)

Grego moderno	1) spázo (L) 2) tsakísome/tsakízo (A)	pethéno/skotóno (S)
Hebraico	ni-šbar/šavar (A)	mat/he-mit (C)
Hindi-Urdu	tuut-naa/tor-naa (E)	mar-naa/maar-naa (A)
Húngaro	össze-tör-ik/ *össze-tör (A)	meg-hal/meg-öl (S)
Indonésio	patah/me-matah-kan (C)	mati/me-mati-kan (C)
Japonês	or-e-ru/or-u; war-e-ru/war-u (A)	sin-u/koros-u (S)
Lezguiano	xu-n (L)	q'i-n (L)
Lituano	lüz-ti/lauz-ti (E)	užmuš-ti/mir-ti (S)
Mongolês	xuga-r-ax-/xuga-l-ax; xemx-r-ex/xemx-l-ex (E)	üx-ex/al-ax (S)
Romeno	se rupe/rupe (A)	muri/ucide (S)
Russo	lomat'-sja/lomat' (A)	umeret'/ubit' (S)
Swahili	vunj-ik-a/vunj-a (A)	fa/ua (S)
Turco	kir-il-mak/kir-mak (A)	öl-mek/öl-dür-mek (C)
Udmurt (?)	tija-sky-ny/tija-ny (A)	kuly-ny/viv-ny (S)
Legenda: A= alternância anticausativa; C=alternância causativa; E= alternância equipolente; L=alternância lábil; S=alternância supletiva.		

Vimos que, em todas as línguas pesquisadas por HASPELMATH (op.cit.), o verbo *quebrar* alterna, corroborando a ideia de que a alternância causativa parece ser um fenômeno estável através das línguas. A variação de classificação que observamos está relacionada com os expedientes morfológicos disponíveis para as línguas, algo bastante relevante para a alternância, conforme se verá na seção 4 de análise.

Entretanto, quando nos atentamos para dados de alternância com os verbos *morrer/matar*, há maior variação. Na maioria das línguas, a alternância encontrada com esses verbos é a supletiva. Nesse tipo de alternância, como falamos, a raiz verbal não é a mesma, portanto não há derivação, no sentido estrito. Desse modo, esse conjunto diverge da

uniformidade que encontramos para as alternâncias com *quebrar*. Por que isso acontece? Para verbos como *matar* e *morrer*, acreditamos que uma explicação plausível seria tão somente opções idiossincráticas das línguas, ou seja, a possibilidade de *morrer* e *matar* alternarem ocorre se a língua engloba essas duas codificações distintas de eventos em um só signo. Se forem signos diferentes em uma mesma língua, é muito provável que *morrer* e *matar* não sejam tidos como verbos alternantes.

Não obstante, não acreditamos que todos os casos de variação de alternância em uma perspectiva translinguística estejam ligados a idiossincrasias. É exatamente o que a comparação da língua Dâw com o PB intenta mostrar. Na exposição a seguir, defendemos que as variações de alternância estão ligadas a dois fatores: i) ao número de raízes e núcleos funcionais, que realizam expedientes morfológicos, da língua; ii) à compatibilidade entre os núcleos funcionais disponíveis e as raízes.

Para exemplificar a importância desses dois fatores, tomemos uma língua hipotética X. Se essa língua hipotética não possui expedientes morfológicos que restrinjam as alternâncias da língua, espera-se que mais verbos alternem em comparação com uma língua que tenha o mesmo inventário de raízes e um ou mais expedientes morfológicos para alternância causativa que imponham restrições ao licenciamento de raízes. Isto é ilustrado abaixo.

FIGURA 1: Licenciamento de raízes em uma língua hipotética X

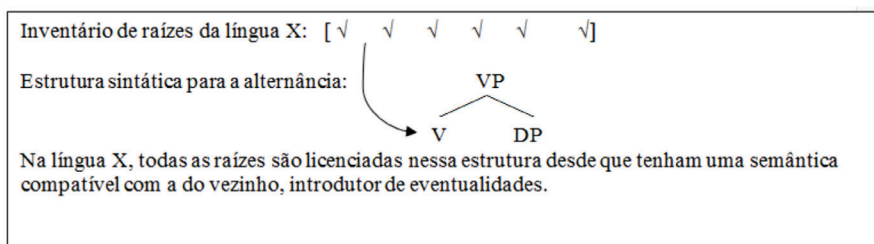
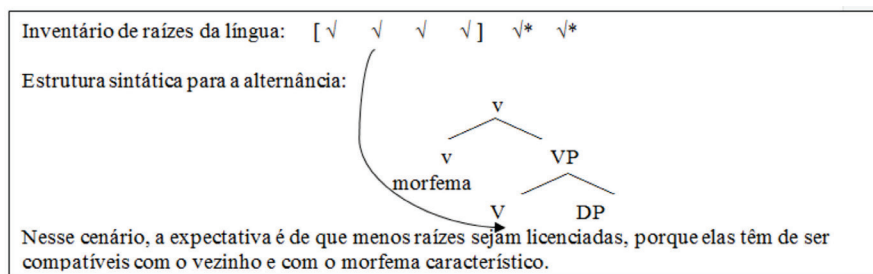


FIGURA 2: Licenciamento de raízes em uma língua hipotética Y



Em suma, é o balanço entre essas duas entidades – **raízes** e expedientes morfológicos – que determinará a maior ou menor possibilidade de alternância. Neste artigo, defendemos essa ideia com base no exame dessas duas línguas brasileiras.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: na seção 1, apresentamos brevemente algumas abordagens sintáticas que analisam a estrutura argumental e as alternâncias causativas. Mostramos que as abordagens sintáticas são mais vantajosas em relação às abordagens lexicais por lidarem com primitivos teóricos possíveis de serem checados nas línguas de modo geral, chegando, assim, a uma generalização teoricamente mais abrangente; na seção 2, apresentaremos os dados acerca da alternância causativa na língua Dâw e no PB; na seção 3, esboçamos uma análise comparativa entre a alternância discutida acerca das duas línguas supracitadas; na seção 4, apresentamos uma síntese do trabalho e algumas considerações finais sobre a questão discutida.

1 Abordagens sintáticas para a estrutura argumental

1.1 Por que abordagens sintáticas?

Um dos grandes trabalhos motivadores para o estudo das alternâncias verbais é o estudo de LEVIN (1993), em que foram discriminados vários tipos de alternância, com base em um grande inventário de verbos do

inglês. Esse trabalho está entre os muitos⁶ que instauraram a tradição de se estudar a estrutura argumental com base em propriedades verbais que projetariam a estrutura sintática a partir da estrutura argumental ‘cunhada’ nos verbos. Atualmente, mesmo que as propostas lexicalistas tenham se diversificado bastante (RAMCHAND, 2008), ainda há bastante peso em uma estrutura argumental da raiz nessas abordagens, como se vê em RAPPAPORT-HOVAV & LEVIN (2012). As autoras postulam duas condições que visam descrever as possibilidades de alternância dos verbos. São elas:

- *Condição de causação direta*: um único argumento que acompanha a raiz pode ser expresso em uma sentença com um verbo transitivo se o sujeito representa a causa direta da eventualidade expressa pelo verbo e seu argumento. (RAPPAPORT-HOVAV & LEVIN, 2012:15, nossa tradução)⁷.
- *Condição de continência apropriada*: Quando a mudança de estado é apropriadamente contida dentro de um ato causador, o argumento representando esse ato deve ser expresso na mesma sentença que o verbo descrevendo a mudança de estado. (RAPPAPORT-HOVAV & LEVIN, 2012:16).

Se essas causas se aplicam translinguisticamente, seria esperado que verbos em Dâw como *rô* ‘queimar’ e *beg* ‘clarear’ alternassem, já que na contraparte transitiva desses verbos em português, por exemplo, o sujeito pode representar a causa direta da mudança de estado. Observe os exemplos abaixo que corroboram essa ideia:

⁶ Dependendo da visão, a hipótese lexicalista tem seu “pronunciamento” com o trabalho de CHOMSKY, 1970. Ver MARANTZ, 1997 para uma revisita a esse trabalho e uma reinterpretação de CHOMSKY (op.cit.)

⁷ No original: “The Proper Containment Condition: When a change of state is properly contained within a causing act, the argument representing that act must be expressed in the same clause as the verb describing the change of state.”

- (4) João queimou o papel com um isqueiro.
- (5) Maria clareou os cabelos com um pincel.
- (6) Tir dōo rō mām-ũuy'
 3PS CAUS queimar feijão-MDO
 'Ele fez o feijão queimar/Ele queimou o feijão'
 (AUTOR-B, 2014b:29)
- (7) Woor dōo beg yun
 Tukano CAUS clarear roupa
 'O Tukano fez a roupa clarear/O Tukano clareou a roupa'
 (AUTOR-B, 2014b:29)

Os exemplos em (4) e (5) deixam claro que esses verbos atendem à condição de causação direta em PB; em Dâw, todavia, os mesmos verbos só são causativizados com a inserção de um auxiliar causativo específico, *dōo*.

Tendo em vista os dados com os quais trabalhamos, acreditamos que explicações que decomponham mais o sentido dos elementos formadores das sentenças sejam mais interessantes. Essas explicações formam as abordagens sintáticas e sintático-lexicais (também chamadas de construcionistas) para a explicação do comportamento dos verbos em alternância. Nessas abordagens, não se ignora um fato empírico como o aludido na citação de RAPPAPORT-HOVAV & LEVIN (op.cit) de que alguns verbos, obrigatoriamente, aparecerão em sentenças transitivas e com causas como argumento externo. Entretanto, se o argumento externo é o último estágio de formação de um verbo deve haver algum ingrediente semântico ou sintático que licencie a concatenação de uma causa, então a causa, como argumento externo, não é um primitivo, mas um produto de uma configuração sintática e sua interpretação semântica.

Tendo em vista, então, a atenção aos blocos formadores do verbo e de suas estruturas sintáticas compatíveis, acreditamos que essas abordagens são as mais compatíveis para a pergunta que dá título a este texto. Passamos a apresentar as abordagens de que fazemos uso, quais sejam, HALE & KEYSER (2002), na seção 1.2, e a Morfologia Distribuída (doravante, MD), na seção 1.3.

1.2 Breve apresentação da teoria de HALE & KEYSER (2002)

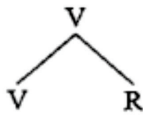
Para HALE & KEYSER (2002), a estrutura argumental é a configuração sintática projetada por um item lexical. Ela é determinada pelas configurações sintáticas geradas pela relação entre núcleo (item lexical) e argumento(s). A estrutura argumental dos verbos é formada, basicamente, por quatro tipos de estrutura:

- **Monádica:** o núcleo projeta apenas um complemento e nenhum especificador.
- **Diádica básica:** o núcleo projeta um complemento e um especificador.
- **Diádica composta:** o núcleo projeta apenas um especificador e não um complemento. Este último argumento é gerado somente por composição com outro núcleo.
- **Atômica:** o núcleo não projeta nem complemento, nem especificador.

Passemos à exposição e motivação das estruturas na ordem em que foram elencadas acima.

A estrutura monádica é formada por dois elementos: uma raiz (R) e um núcleo verbal (V).

(8)



O núcleo verbal possui apenas um complemento (a raiz) e não projeta um especificador. A natureza dessa raiz, na maior parte dos casos, é um nome (NP), que não projeta nem especificador, nem complemento. Verbos denominais, como *cough* ‘tossir’ e *dance* ‘dançar’, são exemplos de verbos com esse tipo de estrutura. Em um primeiro momento, *cough* é gerado como um nome, na posição de raiz. O núcleo verbal, nesses casos, está vazio. Para se tornar um verbo, a matriz fonológica do nome passa para a posição estrutural de núcleo verbal por meio de um processo chamado de *conflation*.

→ **Conflation**: processo no qual a matriz fonológica do complemento do núcleo é introduzida na matriz fonológica vazia do núcleo que seleciona o complemento.

(HALE & KEYSER, 2002: 13)

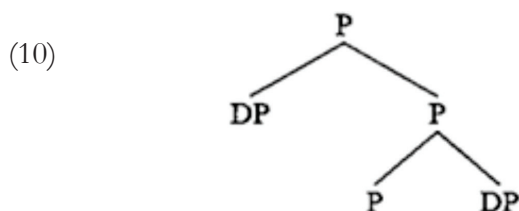
Desse modo, depois de transferir a matriz fonológica do complemento nominal para o núcleo verbal, gera-se um verbo sintético que não projeta um especificador. Verbos inergativos e transitivos com esse tipo de estrutura são comumente encontrados nas línguas do mundo. Uma característica importante desses tipos de verbos é a impossibilidade de sofrerem a alternância causativa, como se vê abaixo:

- (9) a. **The children laughed**
 A criança riu
 b. ***The clown laughed the children**
 *O palhaço riu a criança

(HALE & KEYSER, 2002:14)

A alternância apresentada acima é do tipo causativo-inacusativa, na qual o sujeito do par intransitivo passa a ser objeto na sentença transitivada. Verbos intransitivos com estrutura monádica não podem ser transitivizados automaticamente, pois verbos desse tipo não projetam argumentos internos. Portanto, esses verbos não participam dessa alternância, o que explica a agramaticalidade de (9a) e (9b).

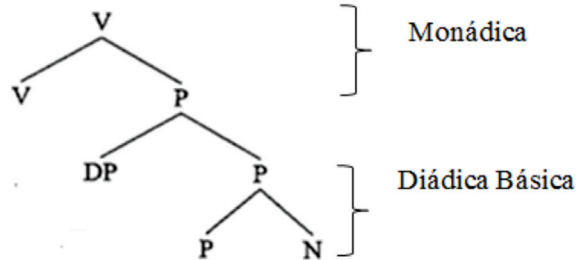
O segundo tipo de formação verbal elencado é a estrutura diádica básica. Abaixo, observamos sua estrutura:



Nessa estrutura, a preposição é o núcleo que projeta dois argumentos: um especificador (DP) e um complemento (DP). A preposição especifica uma relação (que pode ser espacial, temporal, entre outras) entre duas entidades ou eventos. Isso define, para os autores, o caráter predicador da preposição, que, sendo núcleo, requer tanto especificador quanto complemento, diferentemente de nomes (que não requerem nenhum argumento) e adjetivos (que requerem apenas um argumento, o especificador).

Para a formação do predicado verbal, é necessário que a estrutura diádica básica seja encaixada a uma estrutura monádica, que a toma como complemento, como é observado em (11).

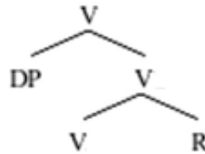
(11)



(HALE & KEYSER, 2002:24)

Por fim, A estrutura diádica composta possui a seguinte estrutura:

(12)



Verbos com esse tipo estrutural possuem um especificador interno que é exigido semanticamente pela raiz (complemento do núcleo verbal⁸, isto é, V na estrutura) e é projetado pelo núcleo verbal. Na sintaxe, esse especificador sobe para o *Spec* de IP para receber caso e configura-se como o sujeito, se a sentença for inacusativa. Verbos desse tipo podem sofrer alternância causativo-incoativa por meio de um processo de transitivização simples, ou automática.

O núcleo V tem como complemento uma raiz de natureza adjetival, que possui propriedades predicatoras e requer semanticamente um

⁸ Em HALLE & KEYSER (2002), complementos são especificadores internos, por isso os dois termos são usados como sinônimos ao explorarmos as estruturas relevantes.

especificador, justamente pelo fato de ter características adjetivais. Compare o comportamento contrastante de, por um lado, *amarelo* e *bonito*, que precisam modificar um nome (*casaco amarelo* e *homem bonito*) e nomes como *pulo* e *estudo* que fazem sentido por si só.

Assim, na estrutura diádica composta, a raiz adjetival, por meio de *conflation*, passa a ocupar a posição de núcleo verbal V (fonologicamente nulo e que recebe a matriz fonológica do adjetivo) tornando-se um verbo. Esse núcleo verbal projeta uma estrutura que recebe o especificador projetado pela raiz da estrutura. Desse modo, é o complemento (i.e., raiz adjetiva) que tem a propriedade de requerer um especificador. Essa estrutura é chamada de composta, pois a projeção do especificador interno depende de dois núcleos, a raiz, que o requer semanticamente, e núcleo verbal, que fornece uma estrutura para a projeção desse especificador.

1.3 Estrutura argumental em MD

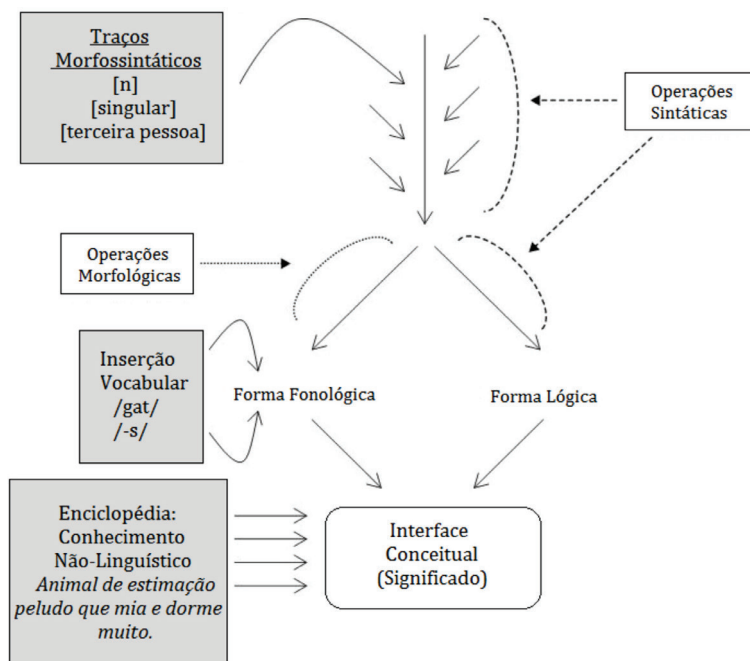
1.3.1 A Morfologia Distribuída

A Morfologia Distribuída (doravante, MD) é um dos desenvolvimentos da Gramática Gerativa e oferece uma proposta alternativa para o modelo de arquitetura da gramática assumido por essa corrente teórica. Seu grande diferencial é não tratar o léxico como um componente de idiosincrasias e de elementos indivisíveis.

Na MD, não existe um componente lexical que alimenta a sintaxe. Em vez do léxico, existem três listas que têm as informações antes atribuídas ao componente lexical da gramática. Não há diferença entre a formação de palavras ou de sentenças, já que são necessárias as mesmas operações para a produção desses dois tipos de estruturas: *move* e *merge*. Portanto, este é um modelo que se mostra pertinente na exploração de questões morfossintáticas, como é o caso do objeto de estudo deste trabalho. Com o esquema do modelo de gramática da MD apresentado abaixo,

presente em Silva (2010), podemos explicar melhor suas propriedades:

FIGURA 3: Arquitetura da Gramática na Morfologia Distribuída⁹



No modelo proposto pela MD, há três listas. A *Lista 1*, que contém traços gramaticais abstratos universais, além de raízes. A *Lista 2* contém os expoentes fonológicos para as raízes que, uma vez manipuladas pela sintaxe, transformam-se em palavras, e morfemas funcionais abstratos, além de regras para sua inserção. A *Lista 3*, por fim, chamada de Enciclopédia, lista os significados especiais. Por exemplo, na sentença *João é um gato*, a interpretação de que *João é uma pessoa bonita* e não um tipo de animal felino é dada pela Lista 3.

O módulo morfológico, presente após a derivação sintática, é o responsável por uma série de ajustes morfêmicos. Isso, argumentam

⁹ Figura adaptada e traduzida por Paula R. G. Armelin a partir de SIDDIQI (2009, p. 14).

HALLE E MARANTZ (1993), é o fator responsável para que não haja isomorfia entre sintaxe e fonologia, já que, nesse módulo da gramática, traços podem ser apagados (empobrecimento), concatenados (merge), fundidos (fusão) ou separados (fissão). Algumas máximas importantes para esse modelo de gramática são:

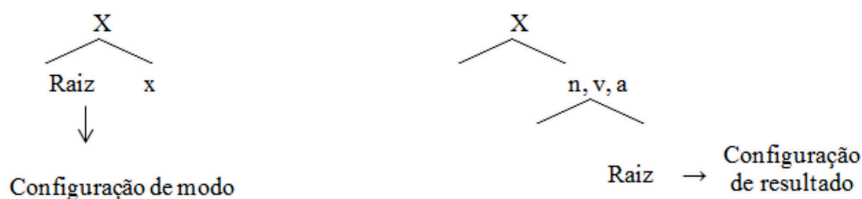
- As raízes são acategoriais. Assim, a partir de uma mesma raiz, como *stud*, por exemplo, pode-se formar, por sua concatenação com um morfema categorial *n*, o nome *estudante* ou, por sua concatenação com um morfema categorial *a*, o adjetivo *estudioso* ou, ainda, por concatenação dessa raiz com o morfema categorial *v* o verbo *estudar*. Como as palavras podem mudar de classe de acordo com o contexto sintático, postular raízes acategoriais que são concatenadas com um morfema funcional durante a derivação é uma das vantagens da MD.
- Não são necessárias regras de ligação entre o léxico e a sintaxe, uma vez que, na teoria, o único componente gerativo é a sintaxe e as palavras são formadas pelos mesmos processos que sentenças. Palavras, assim como sentenças, são constituídas por morfemas lexicais e funcionais. Nesse modelo, estrutura argumental não é um produto do léxico e todas as alternâncias são tratadas como produtos de concatenação sintática.
- Estrutura sintática hierárquica em toda a derivação: para a MD, os mesmos processos que ocorrem para a formação de sentenças são aplicáveis na formação de palavras.

1.3.2 Estrutura argumental na MD

As abordagens para a estrutura argumental em MD são um tanto dispersas e há várias correntes que não necessariamente se excluem. Todas partilham a ideia de que há raízes acategoriais, como exposto na seção 1.3.1.

Com SCHER, MEDEIROS & MINUSSI (2010) e MARANTZ (2013), assumimos que as raízes são licenciadas em estruturas sintáticas.

Há, pelo menos, duas posições em que elas podem ocorrer: elas podem se concatenar diretamente ao *v* (vizinho), funcionando como uma espécie de advérbio de modo e raízes que se concatenam mais abaixo à estrutura e, quando categorizadas, podem expressar resultado da ação do verbo (incluem-se nessa última categoria muitas raízes que, quando categorizadas, participarão da alternância causativo-incoativa).

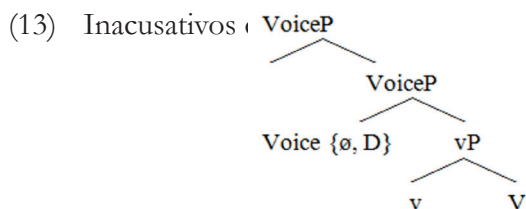


Nesse paradigma teórico, o significado de uma dada estrutura é dado por três fatores:

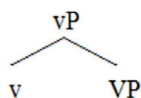
- Voice, a projeção funcional que introduz o argumento externo (KRATZER (1994));
- vP, que introduz a eventualidade;
- Raízes, que podem ser de vários tipos.

Esses três ingredientes, em suas mais diferentes combinações, devem refletir a variedade de codificação de eventos que há nas línguas do mundo. Para dar um exemplo útil à argumentação que será feita para o PB abaixo, ALEXIADOU, ANAGNOSTOPOLOU & SCHAEFER (2006) propõem que a estrutura de sentenças inacusativas alternantes pode ser de dois modos¹⁰:

¹⁰ As estruturas arbóreas em (13) e (14) estão ligeiramente diferentes das apresentadas em Alexiadou, ANAGNOSTOPOLOU & SCHAEFER (2006). Nas nossas representações, VP corresponde a $\sqrt{\text{RootP}}$ dos autores.



(14) Inacusativos sem VoiceP:



O primeiro tipo é o encontrado em línguas com morfologia nas inacusativas. Essa morfologia não é considerada pelos autores como marca de um núcleo funcional (ver discussão sobre isso na seção 3). Nessas línguas, a morfologia que é concatenada em VoiceP é categorizada sintaticamente, porque ocupa uma posição sintática dedicada, mas não semanticamente, já que essas formas não recebem papel temático porque não são interpretadas como entidades no mundo. O segundo tipo de inacusativos é aquele presente em línguas como o inglês, na qual as sentenças inacusativas não têm morfologia.

A existência ou não de morfologia em inacusativas e a relação desse fenômeno morfológico com os verbos que alternam ou não em uma dada língua pode ser bem tratado nesse paradigma, visto que esses três elementos são tomados como os formadores do significado verbal e podem sofrer variações nas línguas.

2 Alternância causativa nas línguas em análise

Feita a introdução dessas teorias, passemos a explorar a alternância causativa nas duas línguas em análise.

Cada uma das abordagens sintáticas tratadas neste artigo fará uso dos seguintes instrumentos para derivar a alternância causativa:

- HALE & KEYSER (2002): raízes, com propriedade adjetival¹¹, que predicam um argumento interno e *conflation*¹²;
- MD: compatibilidade entre raízes e estrutura sintática. Se compatíveis, as raízes são licenciadas em determinadas estruturas. Ainda, as estruturas podem variar de língua para língua em virtude dos expedientes morfológicos das línguas.

2.1 Alternância causativa em Dâw

A língua Dâw é falada por uma tribo de nome homônimo que vive na comunidade Waruá, no estado do Amazonas. Segundo MARTINS (2004), primeira pesquisadora a estudar a língua e autora da primeira gramática Dâw, essa língua se apresenta, tipologicamente, como isolante-analítica com poucos processos de sufixação e nenhum de prefixação; além disso, seu léxico é predominantemente monossilábico.

Ainda de acordo com MARTINS (2004), a alternância causativa teria reflexos nas mudanças tonais dos predicados verbais intransitivos. De acordo com a autora, verbos intransitivos são transitivizados por um morfema tonal descendente (HL)¹³. Para a autora, esse processo também estaria condicionado a restrições fonotáticas específicas da língua, como encurtamento da coda silábica, entre outros¹⁴.

¹¹ Isso não quer dizer que essas raízes sejam adjetivos. Significa dizer que elas têm alguma propriedade de medida/ escala, que é o que caracteriza os verbos da alternância causativa e também caracteriza os adjetivos.

¹² *Conflation* não é exatamente um instrumento para derivar a alternância causativa, mas ele deriva as estruturas de modo geral. A raiz que predica um argumento interno (ou seja, a raiz com propriedades adjetivais) é mais responsável pela alternância do que a operação de *conflation* em si.

¹³ Tom alto e baixo (high e low).

¹⁴ Para a autora, o tom descendente transitivador, quando integrado aos verbos monossilábicos com a estrutura silábica CVC e coda desvozeada, seria pronunciado como tom ascendente (LH), pois palavras com coda surda não podem ter tom descendente (só ascendente ou neutro).

Fruto de um trabalho de campo realizado em julho de 2013 junto à comunidade Dâw os trabalhos de AUTOR-B (2014a) e AUTOR-B E OUTROS (manuscrito) analisaram a alternância causativa e seus reflexos nas mudanças tonais de 21 verbos intransitivos, a saber: *rôd* – sair, *‘âa* – dormir, *‘eeb* – mudar, *‘ub* – acordar, *beg* – clarear, *rõ* – queimar, *pég-saak* – crescer, *‘om* – banhar, *win* – trabalhar, *nõx* – cair, *‘og’õogn* – desmaiar, *baax* – aparecer, *kũm* – afundar, *põw’* – boiar, *nũud* ‘chegar’, *baad* ‘virar’, *‘eed* ‘virar’, *bâar* ‘derramar’, *xop* ‘secar’, *pô* ‘abrir’.

A análise dos dados coletados evidenciou que o sistema tonal em Dâw é previsível na sentença, ou seja, o tom não está ligado a um tipo específico de sentença. Logo, não pode ser tomado como evidência da alternância de verbos. Desse modo, em linhas gerais, no nível fonológico, os itens lexicais que compõem as sentenças são divididos em frases fonológicas que são formadas por segmentos tonais previsíveis, isto é: (L H) e (L L H). Esses padrões são formas *default* e podem sofrer variações de contorno tonal.

Diante dessas descobertas, AUTOR-B (2014a) reavalia o processo de transitivização em Dâw e afirma que esse processo não condiciona mudança tonal dos verbos intransitivos, contrariando, desse modo, a hipótese de MARTINS (2004).

Abaixo, apresentamos um exemplo de alternância causativa em Dâw no qual mostramos que os verbos da construção inacusativa (15a), e da construção causativa (15b) possuem o mesmo padrão tonal.

- (15) a) M[~]aam xop
 (L H)
 machado secar
 ‘O machado secou’

(AUTOR-B, 2014b:24)

- b) Tir xop m[~]aam
 (L L HL)
 3PS secar machado
 ‘Ele secou o machado’

(AUTOR-B, 2014b:24)

Desse modo, AUTOR-B (2014a) assume que a alternância causativa apresentada acima é do tipo lábil. A mesma forma verbal é usada tanto na construção causativa quanto na construção inacusativa, sem o acréscimo de morfologia, o tipo (L) em HASPELMATH (op.cit.).

A alternância acima exemplificada foi testada com 21 verbos intransitivos. Apenas 7 deles alternaram entre uma forma inacusativa e causativa. Eles são: *pét* ‘quebrar’, *ɯɯud* ‘chegar’, *baad* ‘virar’, *ʼeed* ‘virar’, *bâar* ‘derramar’, *xop* ‘secar’, *pô* ‘abrir’. Os outros 14 verbos intransitivos testados não alternaram livremente entre as formas inacusativa e causativa como foi observado com os 7 verbos supracitados. A causativização desses verbos pode ocorrer somente por meio da inserção de um auxiliar causativizador do tipo *fazer* em PB que em Dâw realiza-se como *dôo*. Na sintaxe, esse causativizador é concatenado acima do verbo substantivo da sentença. Neste trabalho, vamos nos deter apenas na alternância do tipo lábil.

A escolha dos predicados verbais testados teve como objetivo a seleção de verbos que de acordo com a literatura (HALE & KEYSER 2002, HASPELMATH op.cit, entre outros) são prototipicamente alternantes (*mudar, clarear, queimar, aparecer, afundar, boiar, virar, derramar, secar e abrir*) e não-alternantes (*sair, dormir, acordar, crescer, banhar, trabalhar, cair, desmaiar*). O último grupo configurou-se como um grupo de controle, pois, por mais que nas línguas, de modo geral, esses predicados não alternam livremente entre uma forma intransitiva e causativa, testamo-los na língua Dâw de forma a constatar se essa língua em questão também segue o mesmo padrão de outras línguas já estudadas no que se refere à alternância desses predicados especificamente.

Dessa forma, AUTOR-B (2014a) identifica duas subclasses de verbos intransitivos em Dâw:

- **Subclasse dos verbos alternantes:** 33% dos verbos elicitados: *ɯɯud* chegar, *baad* ‘virar’, *ʼeed* ‘virar’, *bâar* ‘derramar’, *pét* ‘quebrar’, *xop* ‘secar’ e *pô* ‘abrir’. Esses verbos alternaram entre a forma intransitiva e causativa sem morfologia específica que marque

aumento de valência ou sem a inserção de um causativizador acima do VP. A semântica desses verbos é de mudança de estado no caso de verbos como *pét* ‘quebrar’ e *xop* ‘secar’, e de mudança de lugar no caso de verbos como *nɪtɪd* ‘mudar’ e *baad* e *ʔed* ‘virar’.

→ **Subclasse dos verbos não-alternantes:** 66% dos verbos elicitados: *rôd* ‘sair’, *ʔaa* ‘dormir’, *ʔeeb* ‘mudar’, *ʔb* ‘acordar’, *beg* ‘clarear’, *rô* ‘queimar’, *pég-saak* ‘crescer’, *ʔom* ‘banhar’, *win* ‘trabalhar’, *nôx* ‘cair’, *kog’ôogn* ‘desmaiar’, *baax* ‘aparecer’, *kə̃m* ‘afundar’, *pôm* ‘boiar’. Esses verbos foram causativizados apenas por meio da inserção do causativizador *dôo*.¹⁵

2.1.1 A subclasse dos verbos alternantes

Segundo AUTOR-B (2014a), cada uma das subclasses de verbos intransitivos apresentada caracteriza-se por um tipo específico de estrutura argumental que lhes capacita, ou não, a alternar entre uma forma intransitiva e causativa sem a inserção de um causativizador ou um morfema de aumento de valência.

Como vimos na seção 1.2, para HALE & KEYSER (2002), verbos alternantes possuem estrutura diádica composta, formada por núcleo, raiz (complemento do núcleo) e especificador interno (sujeito do verbo na sentença intransitiva e objeto na sentença causativa). Os verbos intransitivos alternantes em Dâw estão configurados em uma estrutura como essa. Assim, na construção inacusativa, o sujeito do verbo é o especificador interno do predicado. Esse predicado é formado por meio de *conflation* entre raiz e núcleo verbal. Na construção causativa (formada pela concatenação de duas estruturas: a diádica composta e a monádica, que está acima daquela), a matriz fonológica do verbo é movida para o núcleo da estrutura monádica. O especificador interno da estrutura diádica composta permanece *in situ*, ocupando a posição de objeto da sentença.

¹⁵ Nesse artigo, não abordaremos essa subclasse verbal.

Abaixo, as estruturas inacusativa e causativa dos verbos em Dâw propostas por AUTOR-B (2014a) são apresentadas e ilustram a alternância com o verbo *xop* (*secar*).

- Alternância causativo-incoativa

(16) a) yun xop
roupa secar
‘A roupa secou’

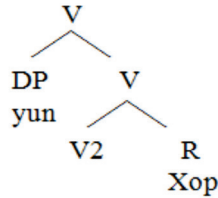
(AUTOR-B, 2014a:146)

b) Tir xop yun
3PS secar roupa
‘Ele secou a roupa’

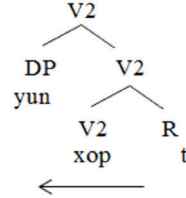
(AUTOR-B, 2014a:146)

- Estrutura intransitiva

(17) Pré-conflation

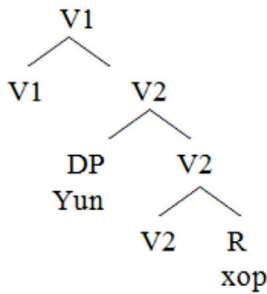


(18) Pós-conflation

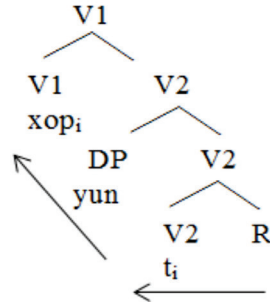


- Estrutura transitiva

(19) Pré-conflation



(20) Pós-conflation



O sujeito da sentença transitiva, ou seja, o argumento externo *tir* ‘ele’, é gerado apenas na sintaxe, não na estrutura argumental. Para os autores, o sujeito é estruturalmente um adjunto do VP.

2.2 Alternância causativa no português brasileiro

O PB, assim como as demais línguas românicas e muitas outras do Tronco Indo-Europeu, pode apresentar uma morfologia específica nas sentenças inacusativas. O exemplo (1), acima, retomado, poderia se manifestar da seguinte forma na língua em tela:

- (27) O João quebrou o prato.
O prato se quebrou.

Para muitos autores (BURZIO, 1986; LEVIN & RAPAPPORT, 1995; CHIERCHIA, 2004), tal distribuição é um marcador de valência, que indica, por exemplo, a ordem da derivação. Os três autores acima tomam a sentença causativa como básica e a inacusativa como contraparte derivada. Há uma série de testes que podem mostrar que esse não é o caso. Se essa morfologia das anticausativas for simplesmente um afixo sintático, não se espera que ela tenha efeitos de interpretação, o que os dados abaixo sugerem ser o caso.

- (28) #A porta se abriu, mas não está completamente aberta.
A porta abriu, mas não está completamente aberta.

- (29) A porta fechou rápido.
#A porta se fechou rápido

(NEGRÃO & VIOTTI, 2008)

Outro argumento para que essa morfologia não seja vista como fruto de uma redução lexical é o fato de que ela não está disponível para

todos os verbos alternantes. Verbos alternantes como *aumentar* e *afundar*, por exemplo, não aparecem com essa morfologia quando alternam nem os deadjetivais, que são tidos por alguns trabalhos como os verbos alternantes por excelência.

(30) O navio (*se) afundou¹⁶.

(31) O número de senadores (*se) aumentou.

(32) A banana (*se) amarelou¹⁷.

Tanto essa incompatibilidade de alguns verbos alternantes ocorrerem com essa morfologia quanto a possibilidade de uma língua perder ou ganhar essas marcas colocam em xeque a crença de que essa morfologia é fruto da redução lexical. Essa argumentação também vale para propostas sintáticas de que a morfologia da inacusativa é a lexicalização de uma categoria funcional como *VoiceP* [-ativo] (ver, por exemplo, LABELLE & DORON, 2010).¹⁸ Os mesmos problemas – disponibilidade dessa morfologia com alguns verbos, e com outros não, e a possibilidade de essas marcas serem, diacronicamente, perdidas e adquiridas, ficam sem resposta¹⁹.

Uma questão que chama a atenção é o fato de marcas como essas estarem disponíveis em línguas que têm mais possibilidade de ter formas dependentes do verbo – afixos pronominais, afixos gramaticais e clíticos. Línguas que não têm essa capacidade não possuem, geralmente, morfologia na anticausativa. Essa correlação não se sustentaria, mais

¹⁶ Essa sentença fica mais aceitável se a interpretação for reflexiva, se possível.

¹⁷ Alguém poderia dizer que uma sentença como *João se emudeceu* é possível e o verbo presente nessa sentença é deadjetival. De fato, tanto *João emudeceu* quanto *João se emudeceu* são possíveis e, no último caso, há uma leitura disponível que parece divergir da disponível para anticausativas com morfologia reflexiva: em *João se emudeceu*, o participante João, deliberadamente, quis ficar mudo. Em *João emudeceu*, esse não precisa ser o caso.

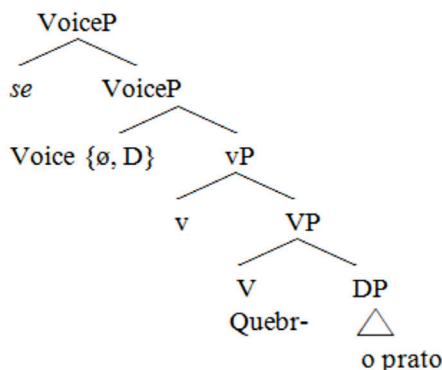
¹⁸ A categoria funcional que introduz argumentos externos. Para fundamentação dessa categoria, ver KRATZER (1996).

¹⁹ Para uma exploração diacrônica dessa morfologia no grego e no inglês, ver LAVIDAS (2010).

uma vez, em uma visão que veja essa morfologia como fruto de redução lexical ou como expoente de uma categoria funcional.

Levando essa argumentação em conta, seguimos aqui a proposta de SCHAEFER (2008) de que essa morfologia é um expletivo sintático. A estrutura para uma sentença como *O prato se quebrou* é a seguinte:

(33)

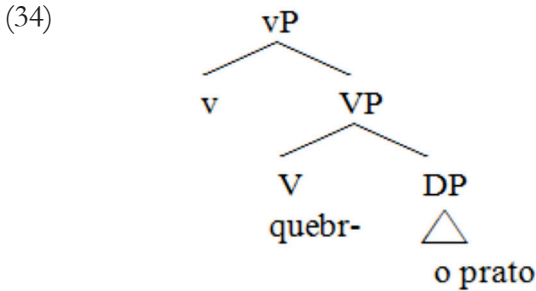


O fato de essa categoria ser pobre em termos de *traços-phi*²⁰ – isto é, ela ter menos *traços-phi* do que *nos*, *a(s)* e outros clíticos – demonstra que não há conteúdo suficiente para que ela seja interpretada como um constituinte passível de receber papel temático. Dito de outra forma: essa pouca especificação garante que ela não receba qualquer interpretação. Dessa forma, esse clítico é análogo a pronomes plenos expletivos como *it* e *il*, em inglês e francês respectivamente, que satisfazem tão somente um requerimento sintático, mas não têm participação na construção do evento.

A estrutura para verbos que apresentam essa morfologia nas anticausativas foi esboçada acima, com base no trabalho de SCHAEFER (2008). Naturalmente, as línguas que não têm essa morfologia não

²⁰ Traços-phi são traços de gênero, número e pessoa (ver CHOMSKY, 2001, entre outros). Uma categoria pode ser phi-completa, o que significa que tem todos esses traços ou phi-incompleta, ela porta só alguns deles.

poderão ter a mesma estrutura. Essas línguas só terão até o nível vP nas anticausativas. Uma sentença como *O prato quebrou* terá, então, a seguinte estrutura:

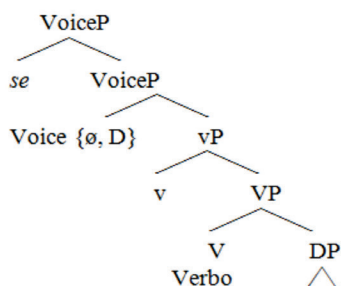


É de conhecimento geral que o PB tem perdido essa morfologia de inacusativas e seu padrão de alternância, que era (33) em sincronias anteriores, tem passado, gradualmente, a ser o de (34), ver discussão em (CHAGAS (2000) E RIBEIRO (2011), entre outros). Essa mudança no padrão de alternância sinaliza outra relação entre a raiz do verbo e os núcleos funcionais. Isso vai ser mais detalhado abaixo.

3 Comparando a alternância causativa em Dâw e PB

Com a análise aqui proposta, pretendemos mostrar que a alternância causativa é guiada por fatores sintáticos e sua variedade está ligada a fatores internos à língua. Por exemplo, se uma língua tem um núcleo funcional que impõe restrições aos membros da alternância causativa, menos verbos alternariam, porque menos seriam compatíveis com a estrutura da língua. Nas figuras (1) e (2), demos um exemplo abstrato sobre isso. Agora, vamos usar o PB para ilustrar esse caso. Veja um exemplo da alternância com um expediente morfológico que impõe restrições:

(35)

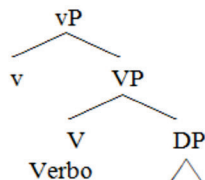


- A cama se quebrou;
- A porta se abriu;
- O tablete se dissolveu;
- O porta-malas se fechou.

Etc...

Em um sistema em que esse núcleo funcional não é mais projetado, mais verbos podem fazer parte dessa alternância, desde que eles sejam compatíveis com a mudança de estado (ou afetação) compatível com vP^{21} .

(36)



- A roupa já lavou;
- O meu braço coçou;
- O prédio está construindo;
- O João internou;
- Ele reprovou em Elementos.

Todavia, uma análise como essa para os dados do PB poderia entrar em choque com a análise dada para a língua Dâw. Acreditamos que esse não é o caso. Com essa mudança no sistema de anticausativas, o PB perdeu um núcleo funcional em anticausativas por ter perdido o item lexical que era concatenado a ele. Sendo o PB uma língua com grande quantidade

²¹ Há outras abordagens para o estatuto categorial dessas sentenças, as quais não discutiremos aqui porque tal discussão foge dos objetivos deste artigo. O leitor interessado deve consultar, por exemplo, Negrão e Viotti (2008, 2010) e Cyrino (2007, 2013). Nossa proposta, embora divirja em alguns pontos de implementação, se assemelha às análises de Cyrino por julgar que tais construções são possíveis em virtude da perda do *se* (Cyrino, 2007) e de uma semelhança com a estrutura de sentenças inacusativas (Cyrino, 2013).

de raízes compatíveis com uma estrutura de mudança de estado (cf. CANÇADO, GODOY & AMARAL, 2013 para um levantamento exaustivo de verbos), isso aumentou a alternância causativa.

O Dâw, por outro lado, não poderia ser o mesmo tipo de língua. Os resultados do trabalho feito em campo por AUTOR-B (2014a) levam a crer que a língua possui poucas raízes compatíveis com mudança de estado (daí resulta a pouca produtividade de alternância nessa língua) e poucas raízes, de um modo geral, compatíveis com *conflation* em algumas eventualidades, e a falta de alguns núcleos funcionais. Cada um desses dois tipos de situação será exemplificado abaixo.

3.1 Falta de alguns núcleos funcionais em Dâw: a inexistência de passivas

Para evidenciar o argumento que esboçamos no final da seção anterior, é interessante observar que a pouca produtividade de alternâncias não é restrita à alternância causativa. A formação de passivas na língua não é possível²². No lugar dessa construção sintática, dois tipos de sentenças foram produzidas na eliciação de dados²³: uma sentença inacusativa

²² Além dos dois tipos de sentenças citados em (37b) e (38b), também foi produzida a seguinte sentença:

- i) **Tor rōk rām**
 porco cortar ir
 ‘O porco foi cortar’

Nessa sentença, o informante parafraseou a estrutura da voz passiva existente no português brasileiro, ou seja, ‘sujeito + auxiliar + verbo’. Todavia, a leitura apresentada pela sentença não expressa uma eventualidade passiva. Mais precisamente, tal estrutura não é compatível com a leitura de uma ação sofrida pelo argumento interno realizada por um indivíduo, que, quando representado sintaticamente, é expresso em um tipo de adjunção normalmente aludida como ‘agente da passiva’. Dessa forma, não analisamos essa sentença como uma construção com leitura passiva, mas a analisamos como uma paráfrase estrutural da passiva existente em português.

²³ O teste de eliciação foi organizado da seguinte forma:

Oferecemos um contexto situacional e solicitamos aos falantes a tradução de sentenças formuladas em português com a seguinte estrutura:

- (i) X foi cortado, mordido, comido

Exemplo de contexto situacional utilizado:

“Eu e um homem fomos para a mata e matamos um porco. Deixei o porco na casa do homem e da esposa dele. No dia seguinte, fui à casa dele e vi que o porco foi cortado”.

O objetivo do teste foi eliciar construções passivas de verbos transitivos acompanhadas de

(37b); ii) uma sentença com sujeito genérico (38b).

(37) a) Dâw xut rōk tor-ũuy'
gente macho cortar porco-MDO
'O homem cortou o porco
(AUTOR-B, 2014a:181)

b) Tor rōk yed.
porco cortar ASPC
'O porco cortou/O porco já cortou'
(AUTOR-B, 2014a:181)

(38) a) Dâw xut wây pũug.
gente macho ver porco
'O homem viu o porco espinho'
(AUTOR-B, 2014a:183)

b) Dâw wây pũug
gente ver porco
'Alguém viu o porco'
(AUTOR-B, 2014a:183)

Como sabemos, a formação de passivas depende de formas fracas ligadas ao verbo (particípio ou clíticos). Se a língua não dispõe dessas formas e, conseqüentemente, da projeção funcional em que essas formas são concatenadas, como PartP, por exemplo, a passiva não é uma eventualidade disponível.

um contexto em que há um agente ou causa, mas ele não aparece explicitamente. Neste teste, especificamente, os falantes não aceitaram a inserção de um adjunto como 'agente da passiva' nas construções elicitadas. Na visão de Baker, Roberts and Johson (1989), a morfologia participial da passiva está em uma cadeia com o agente da passiva, em uma estrutura que se assemelha ao fenômeno 'redobro de clítico'. Portanto, a impossibilidade de concatenar um agente da passiva nessas estruturas pode ser analisada como a inexistência de um elemento como o particípio, que tenha recebido o papel temático externo. Assim, se tais construções não mostram os efeitos de um agente implícito, elas não podem ser analisadas como passivas.

3.2 Raízes incompatíveis com conflation

AUTOR-B (2014a) afirma que em Dâw não há uma classe de verbos deadjetivais derivada morfologicamente como vemos em línguas como o PB (curto (adjetivo), encurtar (verbo)) e uma escala menor no inglês (red (adjetivo), redder (verbo)), mas construções analíticas na qual o adjetivo não é verbalizado, mas é complemento da cópula *rām* ‘ficar’. Dessa forma, em Dâw, os verbos intransitivos “deadjetivais” possuem uma semântica estativa e não alternam.

- (39) a) weed çii rãm
comida azeda ficar
'A comida azedou'

(AUTOR-B, 2014a:137)
b) *yu' çii rãm weed
sol azedou ficar comida
(AUTOR-B, 2014a:137)

A autora ainda afirma que a restrição de alternância deve-se à estrutura argumental desses tipos verbais. Desse modo, sequências formadas por um verbo auxiliar e um adjetivo são formadas por uma construção diádica composta, na qual o núcleo verbal é preenchido por uma cópula que toma como complemento um adjetivo. O núcleo não sofre *conflation* com seu complemento, pois esse processo só ocorre quando o núcleo verbal é vazio, ou afixal²⁴, e recebe a matriz fonológica do seu complemento. Caso esse núcleo seja fonologicamente pleno, ou seja, possua uma matriz fonológica, não ocorre *conflation*, como é observado em Dâw.

A impossibilidade desses verbos alternarem é explicada, pois não há *conflation* do núcleo verbal e de seu complemento (o adjetivo), o que cancela a derivação do verbo. O que emerge dessa comparação está sumarizado no quadro abaixo.

²⁴ Para HALE & KEYSER (2002), afixos possuem uma característica fonológica ‘defeituosa’, por isso permitem *conflation*.

TABELA 2: Síntese

Elemento	PB	Dâw
<i>Raízes de mudança de estado ou afetação</i>	Muitas	Poucas
<i>Conflation com V</i>	Sim	Em poucos casos
<i>Morfologia em inacusativas</i>	Têm desaparecido	Não

Os elementos explorados na tabela deixam claro que o PB não têm mecanismos que impediriam a alternância de ser tão produtiva, como foi descrito aqui. Como mencionado, essa língua possui muitas raízes de mudança de estado ou afetação, por outro lado, não há um verbo que impeça a operação conflation em estruturas diádicas compostas e a morfologia em inacusativas que, claramente, faz a seleção de alguns verbos com as quais pode se compor (o número de senadores (*se) aumentou)) é quase inexistente atualmente.

O Dâw também não possui morfologia em sentenças inacusativas, o que poderia nos levar a prever que a alternância seria bastante difundida nessa língua também. Todavia, esse elemento não favorece a alternância porque elementos mais baixos do que ele já são restritivos para a alternância. Há raízes que não fazem *conflation* com V, portanto não há alternância, vide o exemplo de verbos deadjetivais. Além disso o número de raízes elegível para entrar na alternância é pequeno, presumivelmente porque essas raízes não atendem ao requerimento semântico da construção inacusativa.

Conclusão

Neste artigo, mostramos que, apesar da aparente uniformidade da alternância causativa, os verbos que alternam em uma dada língua estão condicionados a propriedades das línguas, mais notadamente, a tipos de raízes e núcleos funcionais de que as línguas dispõem. Ilustramos

isso com dois casos. O PB perdeu um núcleo funcional que restringia a alternância causativa – só verbos com causa e agente como argumento externo eram licenciados nessa estrutura - acarretando uma generalização de verbos alternantes. A língua Dâw parece ter comportamente oposto, ela apresenta raízes defectivas em alguns contextos e falta de núcleos funcionais defectivos que permitiram *conflation*.

Em um nível empírico, esse trabalho corrobora a ideia de que a alternância causativa e os fenômenos de estrutura argumental, de um modo geral, estão relacionados à configuração dos primitivos nas línguas.

Referências

BAKER, M.; JOHNSON, K.; ROBERTS, I. **Passive arguments raised.** *Linguistic Inquiry*, 1989, p. 219-251.

BURZIO, L. *Italian Syntax*. Dordrecht: Reidel. 1986.

CANÇADO, M.; GODOY, L.; AMARAL, L. **Catálogo de Verbos do Português Brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados. Parte I: verbos de mudança.** Editora UFMG. 2013.

CHAGAS DE SOUZA, P. **A Alternância Causativa no Português do Brasil: Defaults num Léxico Gerativo.** 199f. Tese (Doutorado em Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

CHIERCHIA, G. **A semantics for unaccusatives and its syntactic consequences.** In A.Alexiadou, E. Anagnostopoulou, & M. Everaert (Orgs.), *The unaccusativity puzzle*. Oxford: Oxford University Press, 2004 p. 22-59.

CHOMSKY, N. **Remarks on Nominalization.** In: *Studies on Semantics in Generative Grammar*. The Hague: Mouton: 11-61, 1972.

_____. **Derivation by phase.** In: KENSTOWICZ, Michael (Org.) Ken Hale: A life in language. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2001, p. 1-52.

CYRINO, S.M.L. **Argument promotion and SE-constructions in Brazilian Portuguese.** In: Elly van Gelderen; Michela Cennamo; Jóhanna Barðdal. (Orgs.). *Argument structure in flux: the Naples-Capri Papers.* 1ed. Amsterdam: John Benjamins, 2013, p. 285-306.

_____. **Construções com SE e promoção de argumento no português brasileiro: uma investigação diacrônica.** *Revista da ABRALIN.* 2007, v. 6, n. 2, p. 85-116.

HALE, K.; KEYSER, S. J. *Prolegomenon to a Theory of Argument Structure.* Cambridge: MIT Press, 2002.

HASPELMATH, M. **More on the typology of inchoative/causative verb alternation.** In: Bernard Comrie and Maria Polinsky (Orgs.) *Causatives and Transitivity.* Amsterdam: John Benjamins. 1993, p. 87-120.

KRATZER, Angelika. **Severing the external argument from its verb.** In: *Phrase structure and the lexicon.* Netherlands: Springer, 1996. p. 109-137.

LAVIDAS, N. **The diachrony of labile verbs: evidence from the history of English and Greek.** In: Leonid Kulikov and Seppo Kittila (Orgs.), *Diachronic Typology of Voice and Valency changing Categories.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. No prelo. 2010.

LEVIN, B. *English verb classes and alternations: a preliminary investigation.* 1993.

LEVIN, B. & M. RAPPAPORT-HOVAV. *Unaccusativity. At the syntactical. semantics interface.* *Linguistic Inquiry Monographs,* 26. 1995.

MARANTZ, Alec. **No escape from syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon.** In: University of Pennsylvania working papers in linguistics. 1997, v. 4, n. 2, p. 201-225.

MARTINS, S. Fonologia e gramática Dâw. Tomo I e II. Tese de doutorado. Universidade de Amsterdã. Amsterdã, 2004.

NEGRÃO, E. & E. Viotti. **A estrutura sintática das sentenças absolutas em português brasileiro.** Linguística (Madrid). 2010, v. 23, p. 37-58,

_____. **Estratégias de impessoalização no português brasileiro.** In: PETTER, M. & FIORIN, J. L. (Orgs.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa.* São Paulo: Contexto, 2008, p. 189-203.

RAMCHAND, G. **Verb meaning and the lexicon: A first phase syntax.** Cambridge University Press, 2008.

RAPPAPORT HOVAV, M. and B. Levin. **Lexicon Uniformity and the Causative Alternation.** In M. Everaert, M. Marelj, and T. Siloni (Orgs) *The Theta System: Argument Structure at the Interface,* Oxford University Press, Oxford, UK. 2012, 150-176.

RIBEIRO, P. **A Alternância Causativa no Português do Brasil: A Distribuição do Clítico SE.** 128f. Dissertação (Mestrado em Linguística). – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.